

A Profa Lená M. de Menezes foi homenageada pela comunidade da UERJ, no dia 19 de agosto de 2015, na Capela Ecumênica, por conta de seu desligamento por aposentadoria. O evento foi organizado pela Profa Tania Netto, diretora do CETREINA/SR1, que na oportunidade apresentou o Prêmio Lená Menezes de Medeiros de inovação nas licenciaturas, que será concedido pela SR1. Contou com o apoio do Magnífico Reitor Ricardo Vieiralves de Castro que também prestou merecida homenagem, concedendo a Profa Lená a medalha José Bonifácio. O texto a seguir, trata da despedida da Profa Lená Medeiros de Menezes na UERJ, que começou como estudante de História e terminou como Sub-reitora de Graduação, e é apresentada por seu discurso proferido, com muita emoção e lágrimas.

## LENÁ MEDEIROS DE MENEZES: 50 ANOS NA UERJ E PARA A UERJ

Este, certamente, é o discurso mais difícil que me foi dado fazer. Afinal, o que precisa e deve ser dito na partida; momento marcado sempre pela emoção rememorativa, com a projeção de um porvir no qual falta sempre um pedaço de nós?

Ao estar aqui para esta homenagem, por ocasião da minha aposentadoria (compulsória, é bom dizer), cabe-me lembrar quase cinco décadas de vida na UERJ e dedicadas à UERJ. Como já fiz tantas vezes, recorri à memória poética da Leila, minha irmã – ela mesma poesia pura -, em busca de quem me pudesse emprestar as palavras que eu queria dizer e que teimavam em fugir, por conta de uma emoção que embotava a razão. Foi assim que me socorri com Drumond: “*Se procurares bem, você encontrará a poesia inexplicável da vida*”. Dessa forma, convicta de que a poesia era o caminho,

saí em busca de tudo aquilo que, na UERJ, traduzia-se em beleza e emoção.

Certamente, quando prestei vestibular para a UERJ - então UEG, nos idos anos de 1966 -, não era a poesia que eu buscava e sim meios de progredir na carreira do Magistério (pois já era professora primária) e abraçar um dos amores da minha vida: a História. Quando aluna e depois docente, comecei a enxergar “com olhos de ver”, como Leila costuma dizer, pude encontrar a poesia em cada momento e em cada lugar de nossa Universidade.

- No encontro com as pessoas e na comunhão de ideias e sentimentos;
- No abraço amigo de servidores docentes e técnico-administrativos e de estudantes, nos momentos de alegria ou de tristeza;
- Na produção e transmissão de um conhecimento comprometido, voltado para a melhoria do homem e da sociedade;

- Na disputa política que, para além dos interesses pessoais, se traduz em amor pela instituição;
- Na aceitação da diferença e da alteridade, que projeta o “eu” no “outro”;
- Na troca permanente entre os jovens e os mais velhos;
- Na energia que brota sempre da sala de aula, levando todos nós a uma reinvenção permanente da docência e da vida;
- Na reivindicação que se expressa na busca por algo melhor, que nos faça avançar como profissional e como pessoa;
- No reconhecimento de que sabedoria rima com simplicidade que refuta a prepotência;
- No calor humano que dá vida à estética arquitetônica do *campus* Maracanã pensada para o não encontro;
- No vai e vem permanente das rampas e no entrelaçar de tantos caminhos;
- Nos jardins que embelezam nosso dia-a-dia e que, na pressa, acabamos por não ver, onde uma muda de jatobá, a mim presenteada por estudantes que voltavam de um encontro em Belém, cresce e continuará a crescer em algum lugar dessa Universidade, para muito além depois de minha partida.

Essa poesia que, silenciosamente, se espalha por toda parte clamando por ser vista, sentida e vivida, me fez amar e nunca desistir da UERJ, apagando de minha memória tudo aquilo que não merece ser lembrado; poesia que se torna meu aqui e agora; poesia que fala de amizade, de reconhecimento, de afeto e de amor e que traz a certeza de que tudo valeu a pena.

Graças a vocês que, neste momento me homenageiam, cresci como profissional, mas, principalmente, me tornei uma pessoa melhor. Os agradecimentos, assim, são muitos, não só aos que aqui partilham comigo o tempo presente, mas, também, aos que já partiram e aos que aqui não puderam estar:

- Meus agradecimentos aos meus pais, que nunca entraram numa universidade, nem mesmo para uma visita eventual, pelas possibilidades que me deram - com muito custo pessoal – para eu transformar desejo em realidade: ser professora.

Independentemente de minha trajetória no exercício de outros saberes e de outros fazeres, é isto que essencialmente sou e que me orgulho de ser: PROFESSORA, apesar dos problemas e dos desestímulos que se prolongaram para além dos governos ditatoriais.

Como gostaria, agora, de poder dizer quantos alunos tive ao longo de 52 anos de magistério. Só sei que eles se contam aos milhares, incluindo a rede municipal, o Colégio de Aplicação, o Colégio Pedro II e os cursos de Graduação e Pós-graduação em História e em Relações Internacionais.

- Meus agradecimentos ao meu marido (único ao longo desse tempo todo), à minha filha, meu filho, minha irmã, meu irmão, minha nora, meu genro, minhas primas, primos, cunhadas e cunhados e, mais recentemente, meus netos, pelo apoio constante e pela compreensão em me dividir com a UERJ, acostumando-se a me ver sempre sentada no computador: uma avó que, segundo os netos, trabalha muito, roubando-lhes precioso tempo.

- Meus agradecimentos aos meus colegas da História, das Relações Internacionais e de todo o IFCH, por uma parceria tão instigante quanto enriquecedora, além de me receberem sempre de braços abertos sempre que eu retornava, após o fim de outras atividades na UERJ, reafirmando que eu pertencia à Unidade. Agora, após a aposentadoria – compulsória -, mais uma vez me acolhem como pesquisadora visitante, no Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais.

- Meus agradecimentos aos colegas do CAP, por sempre me terem considerado como pertencendo à Unidade, mesmo após tantos anos de partida. Vocês bem sabem do significado que a Unidade teve para o meu crescimento.

- Meus agradecimentos aos meus parceiros de gestão na Administração Central, pelas relações amigas e de respeito ao meu trabalho. Em especial ao Magnífico Reitor, pela confiança em mim depositada e pela liberdade que sempre me deu para escolher e agir.

- Meus agradecimentos aos Diretores de Unidade, Diretores de Centro, Chefes de Departamento e Coordenadores, com quem convivi nestes quase oito anos, pela colaboração permanente na construção de uma graduação e de uma UERJ melhor.

- Meus agradecimentos aos colegas do CONSUN e do CSEPE, pela possibilidade do diálogo, pela troca permanente e pelo respeito mútuo que sempre pautou nossas relações.

- Meus agradecimentos aos professores desta Casa, muitos dos quais ex-alunos, pelo carinho, pelo convívio ameno e pela troca de ideias, concepções e visões de mundo.

- Meus agradecimentos às amigas e amigos não docentes, pela parceria ao longo de todos esses anos e, igualmente pela troca de ideias, concepções e visões de mundo;

- Meus agradecimentos aos meus alunos (não encontrei outra palavra, embora eu tenha restrições à palavra aluno – sem luz - porque eles sempre iluminaram minha vida). É imensamente gratificante para mim vê-los aqui e enxergar, em cada um, a perpetuação do meu amor pela História e a convicção de que o historiador deve mergulhar na vida.

- Meus agradecimentos aos estudantes e ex-estudantes da UERJ, pelo carinho e pelo respeito que sempre me dedicaram, principalmente em momentos difíceis, aceitando, até, alguns puxões de orelha;

- Meus agradecimentos aos amigos de fora da UERJ pela pessoa especial que me fazem sentir ao estarem aqui, comigo, nesse momento tão especial.

- Meus agradecimentos, finalmente – e eu não esqueci, mesmo que tenha parecido – aos diretores, assessores, funcionários do gabinete e de todos os setores da SR1, vocês têm minha gratidão eterna, porque confirmaram minha crença de que é sempre possível acreditar nas pessoas. Obrigada pelo muito que doaram em termos de sabedoria, competência, espírito de equipe e afeto, que nos permitiram arrancar os espinhos do caminho para que continuássemos a falar das flores.

Diziam os romanos que o mais importante do discurso era a forma como ele se iniciava e terminava. Dessa forma, iniciei com a poesia e próximo ao terminar utilizei-me da prosa poética de Guimarães Rosa, para dizer que o real não está na partida nem na chegada, mas se dispõe para nós na caminhada. É assim que me aproximo do fim, não do que tinha a dizer, mas do que consegui dizer, nesta homenagem que me dá ânimo para continuar, apesar de eu ser, agora, oficialmente, INATIVA. Inativa ou não, alio-me a Gonzaguinha para dizer que continuo a ter *“fé na vida, fé no homem [no ser humano, logicamente], fé no que virá, porque nós podemos muito, nós podemos mais. Vamos lá fazer o que será!”*.

Obrigada por esta homenagem, do mais profundo do meu ser.

*Lená Menezes de Medeiros*